

nismo humano é construído para prover, com um mínimo de esforço psíquico, á sua vida vegetativa, para atender ao recambio, não para suportar as tempestades da alma. Mas, para tais seres, cada instante de vida é um instante de transformismo evolutivo e a grande avançada não pode parar e a vida muda o seu centro, tudo se transforma no ser, paixões, aspirações, numa cada vez mais intensa realização do divino. Drama laborioso e fecundo, que só os grandes hão sabido viver, que a grande arte do futuro saberá compreender e representar. Lutas e vitórias dos grandes: impô-las a quem não está maduro significa dar a morte sem restituir a vida.

A alegria da vida está na expansão; na limitação está o sofrimento. É inútil tentar ascensões demasiado altas e vãs renúncias, que somente penares acarretariam; mas, *é necessario introduzir, com tenacidade e sem mendacidade, na forma individual, o maximo de transformismo suportavel*, seguindo cada um a sua linha típica de especialização. As grandes ascensões não são faceis aventuras espirituais, porém, verdadeira transformação de consciência, perigosamente transportada além da vida, ao supranormal. Não basta dizer: Senhor! Senhor! é necessario uma mortificação de corpo e de espirito, na qual vale, sobretudo, a tenacidade do martelar, que só ele plasma. Trabalho de purificação integral, que vai da atitude do espirito, da escolha das obras, até á purificação celular obtida mediante um regimen dietetico que exclua a ingestão de alimentos improprios no circuito organico. Trabalho de ponderação e de resistencia, calculo complexo de forças, em o qual é necessario ter presente que *a evolução não se violenta e não se usurpa*, pois que se trata de uma maturação biologica, que não se pode obter senão por meio de longo e constante labor; pode-se-lhe, porém, facilitar e acelerar a execução, escolhendo o caminho, em vez de lançar-se na tentativa, ao sabor do acaso.

Esta palavra de equilibrio eu a dirijo ao tipo comum, pois que a sua mediocridade é que domina e ele é inhabil para as grandes realizações do espirito. Estes são ideais altos, quais faróis a iluminar o mundo. E a maioria humana apenas está nas primeiras aproximações. Falando ao tipo comum, temos de indicar a renúncia, não no seu caso extremo, nem na sua forma completa de perfeição moral, mas como maxima aproximação suportavel, a qual é sempre uma escola de disciplina moral proporcionada ás forças e á compreensão individuais. Disciplina dos sentidos, governo das paixões, diuturna educação que não perde ensejo de elevar as impulsões existentes. *E cada um, na porfia das ascensões, se alçará ao nivel da sua potencialidade; o que ele souber conquistar dará testemunho do seu valor intimo.*

Assim, não direi ao homem moderno: destrua a riqueza, sê pobre. Dir-lhe-ei que se encaminhe gradativamente, porque só gradativamente poderá conquistar a perfeição. Comece por libertar-se

da escravidão do superfluo, do moderno frenesi da riqueza, as mais das vezes conducente a complicações antivitais. Quando ela não custa muito em esforço, custa em deshonestidade e nunca paga o que reclama. É uma arma de dois gumes que, se facilita a vida, também é cadeia que a oprime. A sociedade moderna se adha esmagada sob o peso de habitos custosos e superfluos; é uma corrida para a artificial multiplicação das necessidades, escravidão real, gozo efemero, porque se desvaloriza pelo costume.

Simplificai. Ha uma pobreza economica que pode ser largamente compensada por uma grande riqueza moral, como ha uma miseria moral que nenhuma riqueza poderá jamais suprir. Tal o vosso tempo. O deus utilitario da vossa moderna civilização cada dia impõe um esforço superior ao que é imposto pelo deus da renúncia. A materia é negativa, inerte, pobre, insaciavel, egoista; absorve e acumula. Céga e muda, não pode viver senão plasmada pelo poder do espirito, no seu amplexo vivificante. O espirito é positivo, ativo, rico, generoso; a sua necessidade consiste no dar, no altruismo, no sacrificio; não tem garras para aferrar e entesourar, mas é inexaurível poder de criação. Ai de quem se encerra no circuito da materia: barra as sendas que levam ás mais ativas fontes dinamicas, que se acham na direção das forças espirituais. Bemaventurados os pobres de espirito. Que, ao menos, se alcancardes a riqueza, desprendido dela se conserve o vosso coração. Muitos pobres mais não são do que ricos baldos de haveres, *tão avidos e culpados quanto os outros*. Esses ainda têm que sofrer e vencer a prova da riqueza, para aprenderem a sublime lição do desprendimento. O pobre, que inveja somente para sobrepujar naquilo que condena, obterá a riqueza por punição, para lhe experimentar o enorme peso e o efemero valor. Seja a riqueza um meio e não um fim e dirija-se a metas mais altas, que só elas poderão justificar um pouco o triste idolo em cujo nome tanto mal se ha feito.

LXXXI — A função da dor.

Outra grande força que o homem moderno devera compreender é a dor. A atitude da vossa mentalidade, em face do fenomeno da dor, é de defesa e revolta. A ciencia vos fez relampejar na mente a ilusão da possibilidade de um paraíso immediato na terra e moveu guerra á dor, mesmo á custa de todas as prostituições morais, num paroxismo de terror demonstrativo de que, nos proprios refulhos da sua audacia, oculta ela uma zona parda de fraqueza: uma alma céga diante das derradeiras metas. Mas, essa atitude de espirito não alcançou o seu escôpo e nunca, como em meio do estrepito de tanto progresso, a dor assumiu tanta agudeza e profundidade; nunca foi maior no espirito o vácuo, nem lhe faltou tanto a coragem de

lutar e de sofrer. A ciencia não percebeu que á dor cabe uma *função fundamental de equilibrio na economia da vida*, que, como tal, não pode ser eliminada: intima função, que é, de ordem, função biológica construtiva, excitante de atividades concientes. O tão escarnecido estado d'animo de paciente resignação é uma virtude de adaptação, de resistencia e de defesa, que os povos modernos vão perdendo. A ciencia se lançou á eliminação das causas proximas da dor, que, no entanto, corresponde a uma vasta lei de causalidade, na qual se faz preciso pesquisar e eliminar as impulsões primeiras e distantes. E essas impulsões residem na substancia dos atos humanos, na natureza individual. Assim, enquanto o homem for qual é e não souber realizar o esforço necessario a vencer-se a si mesmo, a dor fará parte integrante da sua vida, com funções evolutivas fundamentais e, por isso, *irredutivel fator substancial, que a evolução impõe*. Sei muito bem o que é o homem moderno e não lhe peço a perfeição imediata. Digo-lhe, porém, que, enquanto não for capaz de se melhorar e até que se haja transformado, justas e bem merecidas serão todas as dores que o assoberbem.

Pobre ciencia, que emudece ante os problemas substanciais! Pobres crianças, que odiais a dor que haveis querido e semeado, que alimentais a ilusão de a vencer, calando-a e escondendo-a, em vez de compreende-la. Os problemas não se resolvem, se não forem enfrentados com lealdade e coragem. E cada um, por entre tanto progresso, vai mudo, metido consigo mesmo, sorridente, afivelada a mascara da cortezia, para ocultar o seu fardo de secretas penas. E todos os dias volve a exceder-se em todos os campos e a provocar novas reações, que serão no futuro outras tantas penas. Tendo o homem que ser livre, mas ignorando a consequencia de suas ações, uma dor flagelante e atroz é, para seu bem, a reação necessaria e proporcionada á sua sensibilidade. E' inevitavel que assim seja, quando a orientação da vida está toda errada e a lei das coisas não se muda por isso; ao contrario, reage a todo momento, para se fazer compreendida. O homem, na sua ingenuidade, pretenderia violar e modificar a Lei, submetendo-a ao seu poder e, tomado da ilusão de poder e saber tudo e tudo fraudar, ri-se das reações e considera o irmão que cae um falido, em vez de lhe estender a mão, para que outro tanto lhe façam, quando a seu turno cair.

Deverieis, contrariamente, compreender que, num mundo em que nada se cria e nada se destroe, mesmo no campo das sutis qualidades morais, não se neutraliza um efeito, senão reconduzindo-o, invertido, á causa, para que encontre aí a sua compensação; não se anula uma quantidade de caracter conciente e moral, se a vida não a reabsorver. A miope mentalidade moderna se limita ao jogo da defesa imediata contra uma força que volta sempre a atuar e ao de repeli-la, mediante continuado esforço, em vez de lhe absorver a ação, que a exhaure; e, para não ver e se aturdir no gozo, mais a

incrementa com erros novos, que retornam sempre sob a forma de novas dores. Desse modo, homens, classes sociais e nações transmitem de uns a outros essa massa atravancadora de debito, que faz o seu giro, passando por todos, indo de geração em geração e conservando-se sempre a mesma, porque ninguem a reabsorve. O Cristo, a morrer na cruz para redimir com a sua paixão a humanidade, é o simbolo grandioso que resume e robustece estes conceitos. Que diremos ao homem comum, que se ignora a si mesmo e no entanto sofre? E' bem triste e lastimavel por vezes o quadro das reações naturais, a que chamais punição divina. Inutil nega-lo: todos mais ou menos sofrem, todos se estorcem nos braços do monstro. Pobre sêr, o homem! Permanecendo não só idólatra, mas bestial na substancia, ele tudo rebaixa ao seu nível — religião, estado, sociedade, ética. Para adapta-los a si, opéra uma continua redução de todos os valores morais. Preso aos instintos primordiais do furto e da guerra, é-lhe necessario atravessar dores crueis, porque só elas poderão fazer-se entender e abalar-lhe a inconciencia. A alma humana, sobrearregada hoje de um fardo tão obstruente de inutil cerebralismo, não percebe esses equilibrios espontaneos e simples. No paroxismo de um dinamismo frenetico, essa alma é debil e primitiva. Quem poderia faze-la erguer-se, deixando-a, todavia, livre, senão uma imensa mole de dor? Ela está equilibrada no seu nível: oprimido por uma luta áspera e por uma realidade de dor, mas iludido, insensível, inconciente, o homem resiste a toda melhoria substancial; corre, arrastado pelos sentidos, anela pela ascensão exterior, economica, avido de abusar de tudo, imerso no egoismo do momento, ignorante do amanhã e com um horizonte fechado. Se o genio não se abaixar até ao seu nível, ele de certo não saberá elevar-se até ao genio.

As verdades se ampliam; mas, o esgotamento dos ideais é velho quanto o homem e a sociedade se habituou a considera-los mentiras. O individuo sabe, por instinto nascido de secular experiencia, que, a par da publicação de tantas coisas elevadas, ha a sua miseria moral e material; que aquelas são retorica e esta a realidade e crê nas verdades em que todos crêem: a festa do proprio ventre e a vitoria por qualquer meio.

A ultima palavra caberá á dor, unico burilador eterno de destinos e forjador de almas, que permanecerá enxertado no esforço da vida, num gotejar cotidiano e em grandes e periodicas rajadas coletivas, para conjugar as mesmas almas e deixar nelas as suas marcas.

Para encaminhar-se a solução do problema, faz-se necessario o aperfeiçoamento moral, que se dê a maturação biologica do superhomem; faz-se necessario subir com o Cristo para a cruz e reconstituir, sobre bases de amor, a vida individual e coletiva; faz-se mister saber achar na dor uma força amiga, cujas causas e fun-

ções se compreendam, força que se utilize para a própria ascensão. A dor é o indispensável esforço da evolução, que é, a seu turno, o fundamento e a razão da existência. Contém o germen de uma felicidade cada vez maior, que o homem *tem de adquirir* para si. Estes equilíbrios são insuprimíveis e imprescindíveis ao respiro do universo.

Se, por um lado, a dor faz a evolução, por outro a evolução anula progressivamente a dor. Esta, reabsorvendo a reação, suprindo o débito, operando a progressiva harmonização e atuação da lei no Eu, se elimina a si própria, do mesmo passo que faz progredir o sêr. Isto demonstra a justiça e a bondade da Lei, que não é lei de mal e de dor, mas lei de bem e de felicidade. E' preciso, pois, seguir uma senda de redenção gradual e isso em varios tempos: primeiro, reabsorver as reações livremente provocadas no passado, sofrer pacientemente as consequências das próprias culpas; depois, restabelecido o equilíbrio, manter-se em estado de harmonia com a lei, evitando novas violações e reações. *E' necessario conceber o universo, não como um meio para a realização do proprio Eu, que lhe é o centro, mas como regulado por uma lei suprema em cujo seio unicamente é possível realizar-se o proprio Eu, de harmonia com tudo o que existe.* E' necessario conceber a dor, não como um mal devido ao acaso, mas como uma forma de justiça, como uma função de equilíbrio, que ensina ao homem, se bem que lhe respeitanto a liberdade, os verdadeiros caminhos da vida e o *constrange*, depois de tentativas e erros, a tomar a unica senda possível: a do seu progresso. Não pode a dor desaparecer, senão sob a condição de que esteja saldado o debito para com a lei de justiça que, no campo moral, social, historico, economico, fisico, quimico, é sempre a mesma lei, a mesma vontade, o mesmo Deus. Não se frauda, nem se foge á Lei, no tempo. Rebelar-se é provocar maior choque de retorno, que a elasticidade da Lei (divina misericórdia), embora tanta que contém todo o humano livre arbitrio, acabaria sempre por vo-lo tornar um facto inexoravel.

A anulação da dor se opéra corajosamente *mediante a dor*, razão por que pode ela colocar-se na estrada das ascensões humanas. Abandonai a utopia, que o materialismo científico vos fez relampear na mente, e compenetrar-vos desta solene verdade da vida. Em meio do impeto frenetico dos vossos tempos, rumo a todas as felicidades; em meio da serie lacrimosa de todos os experimentos humanos, diante da desilusão, trazendo nas pupilas o sonho vão da felicidade jamais alcançada, tenha o homem a coragem de olhar de frente esta realidade mais profunda e abraça fraternalmente a sua dor. Aprenda e eleve-se na arte de saber sofrer. Este tom talvez vos pareça, sobretudo, negativo, mas só o é do vosso ponto de vista humano, não do das reconstruções superhumanas, onde se encontra a minha afirmação maxima. Na taboa

relativa dos vossos valores eticos, estais sempre em baixo e as vossas virtudes violentas e guerreiras, necessarias no vosso estado presente, já não serão virtudes e amanhã se acharão superadas. Tudo é proporcionado ao proprio nivel e o exprime. Ha multiplas formas de dor e esta é tanto mais acerba, quanto mais em baixo se encontra o sêr. A medida do contragolpe dolorifico, que atinge aquele que o ocasionou, medida essa dada pelo calculo das responsabilidades que já apreciámos, muda com o grau de evolução, que adelgaça a cadeia férrea das reações.

Notai que o sofrimento quasi se evapora no processo de progressiva espiritualização. *No mundo subhumano*, a dor esmaga sem piedade, o sêr sofre na treva, isolado, tomado de colera, num estado de miseria absoluta, sem compensadora luminosidade espiritual. E' a dor do condenado, cégo, sem esperança. E o homem é livre de retroceder para esse inferno, se não quiser esforçar-se pela sua liberação. *No mundo humano*, a conciencia desperta, pesa e reflete; o espirito tem o pressentimento de uma justiça, de uma compensação, de uma libertação, e espera. E' a dor tranquila de quem sabe e expia; é o purgatorio confortado por uma fé; o sofrimento se detem ás portas da alma que tem um refugio de paz. A mente analisa a dor, descobre-lhe as causas e a lei, aceita-a livremente, como ato de justiça, que conduzirá á alegria. De um tormento, faz um trabalho fecundo, um instrumento de redenção. Quanto, então, já tem a dor perdido da sua virulencia! Quão diverso é o sofrer, esperando e bendizendo, quão menos rude é o golpe, quando se quebra de encontro a uma alma assim encorajada, quão menor é a sua força de penetração num espirito que tem a defende-lo uma profunda conciencia! A visão substancial das coisas dá, em todos os casos, a sensação da justiça, uma grande fé e um otimismo absoluto. Em meio das dissonancias do ambiente, forma-se na alma um oasis de harmonia. Chega-se assim, gradativamente, *ao mundo superhumano*, onde a dor perde o caracter negativo e malefico e se transforma em afirmação criadora, em potencia de regeneração, numa carreira para a vida. Entoa-se então o hino da redenção: bemaventurados os que choram.

Obrigando o espirito a dobrar-se sobre si mesmo, ela prepara o caminho para as profundas introspeções e penetrações, desperta e desenvolve-lhe as qualidades, até então latentes, e lhe multiplica todos os poderes. Sobretudo para as grandes almas, a dor é uma força de valorização e de criação. A expansão da vida, restringida para o interior, alcança realidades mais profundas e o embate da dor impele para as sendas da libertação. Um mundo novo se revela; a cada golpe que parece acarretar uma ruína, alguma coisa se agita e nasce na profundidade do eu; a cada amplexo da dor, que parece mutilar a vida, alguma coisa se reconquista, que a aumenta e eleva. A dor destaca e liberta a alma de um invo-

lucro denso de desejos e sensações; a alma, a cada pedaço de animalidade arrancado, se dilata para um poder mais amplo de percepção, para uma forma de vida mais intensa, para uma realidade mais profunda. Imaginai a mais titanica das lutas, o mais tremendo esforço, a mais impetuosa das tempestades. Ha um dilaceramento silencioso na profundidade das leis biológicas, um disputar palmo a palmo do campo da vida, uma provocação de retornos atavicos em baixo, uma atração irresistível para o alto. Espirito e animalidade lutam ligados e inimigos, como na alvorada lutam a luz e a treva para que desponte o dia. Na fase superhumana, a dor já não é só expiação que se conforta de esperança: é impeto frenetico das grandes criações espirituais. Em meio da luta pela liberação, a sensação dominante é juventude; na expansão das energias, é ressurreição; reprimidas as paixões e domadas as prepotencias da natureza inferior, a sensação do espirito vitorioso é o doce repouso de quem alcança um oasis de paz. Ele então olha com mais calma para dentro de si. A dor e a luta lhe hão apurado o ouvido e ele pode ouvir. Então, desfere o canto do infinito. Então, lentamente, das profundezas da alma, irrompe a grande sinfonia do universo. As notas que nela cantam são as estrelas e os mundos, as flores e as almas, as harmonias da lei e o pensamento de Deus.

Ressurge, oh! alma! Está vencida a tua dor! Morta, ela jaz entre as coisas mortas, lançada fóra como instrumento inutil, lá na margem deserta de uma triste vida. No infinito, canta o universo: ressurge; vencida foi a tua dor. Mudadas estão todas as coisas sob o olhar de Deus. Tem tão grande doçura o cantico, que a alma nele se perde. Para jubilo da mente, caem os véus do misterio; para jubilo do coração, caem as barreiras do amor. O universo se abre. Uma onipresente vibração de amor transporta para fóra de si o espirito e o leva de visão em visão, de beatitude em beatitude. Ele já não luta mais: entrega-se, esquece-se de si em Deus. As forças da vida o sustentam e arrastam, impelindo-o para o alto, onde se encontra o seu novo equilibrio. Rôtos os liames, ele se acha verdadeiramente livre e pode ascender; o passado o segue e necessario lhe é percorrer até ao fundo os caminhos do bem, do mesmo modo que para os malvados é necessario ir até ao fundo nos caminhos do mal. Então, já o sêr não pertence á terra da dor: eleva-se cada vez mais para a luz do Centro, onde se aniquila num incendio de Amor.

Estas não são rarefações utopicas do respiro da vida, senão quando o centro da personalidade ainda não se deslocou para o mundo superhumano. O conceito de *dor-dano* e *dor-mal* evolve assim, gradualmente, para o de *dor-redenção*, *dor-trabalho*, *dor-utilidade*, *dor-alegria*, *dor-bem*, *dor-paixão*, *dor-amor*. Ha uma como transhumanização da dor, na lei santa do sacrificio. Nesse pa-

raiso, acha-se realizado o milagre da vitoria da dor por meio da dor. O mal transitorio, o estridor das violações, o choque violento entre a ação livre e a lei se exhaurem nas suas funções; a dor existe para tragar-se a si mesma, desaparece o desacordo á medida que se estabelece a harmonia. Através desse mecanismo sapiente, pelo qual a liberdade é constrangida a canalizar-se para o progresso, chega-se á unificação do Eu com a Lei. Aí, dissipa-se toda possibilidade de violações e reações e a dor se anula na sua causa. Então, brada a alma: "Senhor, eu te agradeço esta maravilha, que é a maior da vida, a de ser benção tua a minha dor".

Tambem por outras vias interiores e coletivas a dor tende a anular-se. Ela é o ultimo anel da cadeia: involução, ignorancia, egoismo, força, luta, seleção. Mas, o impulso evolutivo transforma a fase da força na de justiça, o mal em bem; demolindo as mais baixas condigões de vida, opéra a transformação da dor. Como, coletivamente — por um jogo de reações coletivas, por progressivo envolvimento e pela lei do meio minimo — a força tende, com o uso, para a autoeliminação, reabsorvendo-se quasi, em si mesma, e ressurgindo em forma de justiça, do mesmo modo, coletivamente, a dor tende a dissipar-se como fator transitorio e inherente tambem ás mais baixas fases de evolução. Absurdos seriam um mal e uma dor incondicionados e definitivos. E é a evolução, a maior impulsão da vida, que leva, necessariamente, do mal ao bem, da dor á felicidade.

Mostro-vos a verdade em todas as suas gradações, para que cada um escolha a mais alta que lhe seja concebível. Dize-me de que maneira te comportas no sofrimento e te direi quem és. Cada um sofre de um modo, segundo o nivel em que se acha: este, maldizendo; aquele, expiando; outro, bendizendo e criando! Das tres cruces plantadas no Golgota, iguais todas, tres brados diversos partiram. Somente justiça e amor é a reação dos grandes. Cabe-vos a vós saber extrair do esforço da vida a maior ascensão de espirito, utilizando a dor, em lugar de combata-la, transportando sempre, cada vez para mais alto, o centro da vossa vida.

Certo, não estamos, nestes niveis, dentro da ordem comum das coisas humanas atuais e tudo isto pode parecer fuga e demolição de virtudes positivas; mas, já eu vos disse que é fuga, para se afirmar mais acima. Tambem pode isto parecer mutilação de aspirações e de vontade, supressão de sãs energias atuantes; mas, essas aspirações jamais vos farão sair do ciclo da vida em niveis inferiores, onde cada vitoria tem que ser contrabalancada por uma derrota, cada juventude por um envelhecimento; onde cada grandeza se arroja sempre na sua destruição. O que vos indico é, ao contrario, sublimação da vida numa fórmula de ação mais elevada, orientada para as unicas conquistas eternas; ação mais energica e polida, que não o estrago inutil da comum agressividade desor-

ganizadora; ação mais fecunda, porque conciente das forças naturais, em cujo meio se desenvolve.

Não vos aponto, por supremo ideal humano, a figura primitiva do herói que brutaliza e vence; indico-vos, sim, embora as massas o não compreendam, o superhomem, no qual se fundem a vontade do dominador, a inteligência do genio, a hipersensibilidade do artista e a bondade do santo; o lutador sobrehumano, que perdôa e ajuda ao seu semelhante e somente investe e submete as forças biológicas; sêr de uma raça nova, batalhador da justiça, dono inteiramente de si mesmo, para o bem coletivo.

A santidade não está morta nem vencida; apenas começa e tem que subsistir, no mundo moderno: uma santidade nova, culta, conciente, científica, ressurgente das velhas formas, no coração da vossa vida turbilhonante, e que volte a lutar, dentro desta, pelo bem, e, com a vossa psicologia objetiva, afrente heroicamente o embate da vossa rebelde alma nova. Se a palavra de ordem, hoje, é "força", que seja a força superior do espirito, seja uma beleza espiritual que ouse mostrar-se e no mundo viva, como um desafio, para que o mundo, se não compreende, sofra e, sofrendo, aprenda. Neste amplíssimo sentido, o santo passa á condição de missionário e só é grande por inclinar-se a educar e erguer para essas vitórias da dor.

Demasiado lento é o caminhar das massas inconcientes nos níveis inferiores. Elas aguardam que as fecunde esse sêr, a dor, ponto culminante para onde converge todo o transformismo fenomenico, sustentado e promovido por todas as forças da evolução, fenomeno produzido de transformação biológica. No ultimo produto do grande esforço da vida, a criação dobra-se sobre si mesma, para apanhar de novo, no movimento evolutivo, as camadas mais baixas; e a impulsão novamente desce, para elevar e lenir a dor; estende a mão ao homem que avança sob o peso da sua ascensão e toma sobre si a dor do mundo. Esta retomada ascensional, que já estudámos como característica fundamental no desenvolvimento da trajetória típica dos motos fenomenicos, é aqui, inherente ao impulso da evolução e ainda representa nela uma tendencia para a eliminação da dor.

LXXXII — A evolução do amor.

Amor, impulsão fundamental da vida, força de coesão que rege o universo, divina potencia de eterna reconstrução! Encontra-lo-emos sempre indestrutível, em infinitas formas, em todos os níveis do sêr, com o qual ele ascenderá, sublimando-se, até ao paraíso dos santos. Como a dor, o amor tem uma função fundamental de conservação, de coesão e renovação e faz parte inte-

grante do funcionamento organico do universo. O impulso não se aniquila: repete-se, elevando-se. O desejo não se mata, encaminha-se para uma continua elevação. Evolução de instintos, evolução das paixões, aperfeiçoamento continuo da personalidade (teoria evolutiva do psiquismo).

Tambem aqui observaremos o amor nos diversos níveis e a sua ascensão. Traçaremos assim um novo aspecto das sendas da evolução. O amor, que no mundo animal é função precipuamente organica, no homem assume funções de ordem nervosa e psiquica: complica-se, dilata o seu campo de ação, apura-se e se sensibiliza (desde que saiba evitar o perigo de uma degradação nevrotica) em direção a um super-amor espiritual. Sendo necessario, como é, não destruir as paixões, mas faze-las evoluer, necessario tambem é, e precisamente por isso, domina-las e guia-las, orientando-as para a fase espiritual. Tudo o que acentua o elemento nervoso e delicado, tudo o que é fascinação, simpatia dalma, graça, arte, musica, vibração e psiquismo, o que é perfume e poesia do amor, tudo o que desmaterializa e espiritualiza é evolução, que vos encaminha para triunfardes das formas do amor humano. Estais ás portas de um novo reino, o do amor mistico e divino. Supremo extase de que gozaram os santos, não é apenas agradável digressão de romantico sentimentalismo, porém, a mais tempestuosa das conquistas, a mais alta tensão de dominio sobre forças biológicas, luta viril contra a animalidade, luta em que se empenham todas as forças da vida. Refiro-me a um misticismo ativo, que renuncia para criar, e não de certo a esse vão misticismo moderno, nevrotico e sensualizado, enervante e doentio, pelo qual, em meio de uma artificiosa complicação de aprimoramento, só ha no espirito ocio e grande desolação.

No alto, como limite da evolução humana, está o amor divino e ao homem do tipo medio não podemos pedir senão a maxima *aproximação* que a sua capacidade de concepção admita e suas forças suportem. Nas gradações infinitas das aproximações da perfeição, cada um, no seu nivel, procurará embelezar e elevar ao grau maximo os instintos e as paixões. Sendo a méta o superamor alcançado pelos grandes, o humano se ergue em direção ao divino, por sucessivas distilações que, demolindo em baixo, reconstroem cada vez mais alto. E' a *ascensão das paixões*, que faz parte da ascensão da personalidade toda, de uma transfiguração do Eu. Assim, o amor deve ser o vinculo substancial de toda união de amor que se contraia; sem isso, tudo é nulo e se reduz a uma forma de prostituição, mesmo que validada a união por toda as sangões religiosas e civis. A forma não pode criar a substancia, da qual depende a felicidade dos filhos e o porvir da raça.

Gradualmente, as fórmias de amor ascendem e cada sêr, do animal, do selvagem, do homem inculto ao intellectual, ao genio,